

O fim da escultura

DANIEL PIZA

DANIEL PIZA
é jornalista, editor de cultura do jornal *Gazeta Mercantil* e crítico de arte da revista *Bravo!*

Caminhos da Escultura Moderna, de Rosalind Krauss, tradução de Julio Fischer, São Paulo, Martins Fontes.

Serra, Placas de Aço Empilhadas, 1969. Leo Castelli Gallery, Nova York



Toda escultura moderna é uma espécie de *totemização*. Há uma recusa da certeza mimética, da cópia da realidade, em abertura para a incisão mítica, para o referencial abstrato ou arcano. O escultor moderno, a partir de Rodin, abandona o *corpus* aristotélico, de contornos firmes e figurações fixas, e instala na forma tridimensional a instabilidade. Não se trata mais da “estátua” que se ergue a partir do pedestal, e sim de um objeto que ganha mobilidade e imprecisão, expandindo-se para o vazio ou deixando-se cortar por ele. As noções clássicas de peso e volumetria são minadas, e o que se apresenta ao espectador é mais um processo do que um produto. O ornamento, o acabamento e a unidade dão lugar ao silêncio, ao indefinido e à multiplicidade. Como um totem, a escultura moderna reside na fronteira nebulosa entre o fixo e o livre, o real e a interpretação, o concreto e o conceito.

É isso que Rosalind Krauss tenta dizer em *Caminhos da Escultura Moderna* e não consegue. A autora de *O Inconsciente Óptico*, *The Picasso Papers* e outros livros superestimados pela estética contemporânea é conhecida também por sua linguagem afetada, obscura, que parece tatear em busca de definições que nunca encontra. No livro sobre a escultura moderna, diz que tentou dar mais clareza a idéias trocadas em suas aulas, atendendo a exigências dos alunos, mas o resultado é um conjunto de obviedades travestidas de opiniões originais ou sutis. Não que ela esteja sempre errada no que quer dizer, mas seu livro nunca deixa o ponto de partida. Ignora paralelos entre as diversas correntes estilísticas e se perde no jargão desnecessário.

Foi na escultura que o Modernismo encontrou, afinal, uma frente de definição mais clara, em oposição aos princípios clássicos que essa arte, por sua própria estrutura sintática, parecia encarnar tão coerentemente. A pintura mudou muito entre o Renascimento e Picasso, passando por criadores tão díspares quanto Velásquez, Rembrandt, Delacroix ou Cézanne. A escultura, não. De Michelangelo até Rodin

havia muito mais em comum,

fosse ela produzida onde fosse. Foi Rodin quem rompeu com o assertivismo michelangesco, em que a matéria se afirma solidamente, ainda que em direção ao transcendente. Foi ele quem criou uma escultura em que a superfície deixa de ser revestimento de uma essência e passa a ser, ela mesma, um elemento desestabilizador, contaminado de personalidade, de particularidade.

A questão central da escultura, do *stonehenge* até hoje, é seu equilíbrio, a maneira como agrega massas, volumes, em torno de um eixo, permitindo a observação por todos os lados. Assim, o texto da contracapa está equivocado ao dizer que “a escultura do século XX apóia-se num cruzamento de tempo e espaço”. Toda escultura se apóia nesse cruzamento. Toda escultura é concebida em sua tridimensionalidade e, portanto, na possibilidade de ser olhada de diversos ângulos, rodeada, auscultada. Ou melhor, qualquer coisa na vida, inclusive uma pintura, só se realiza no decorrer do tempo, sem o qual não existe. Um grande escultor é, em qualquer época, o que está ciente de que a observação não será uniforme, unifocal. É o que provoca no espectador uma sensação que começa já por sua presença física, com profundidade inerente. Assim é em Michelangelo, Canova ou Degas.

O que a escultura do século XX faz é modificar o cruzamento, retirá-lo da correspondência binária, gravitacional, em que espaço e tempo se somam para produzir uma suposta unidade. Ela rompe com tal hierarquia; afasta a figura da representatividade ideal ou realista; quebra o espelho e subverte seu arranjo antropomórfico. Em Rodin ou Degas corpos se projetam no ar com bases precárias, no limite do desabamento, da queda, a tal ponto que na *Porta do Inferno* Rodin coloca Dante como o pensador que observa “o som e a fúria” dos círculos inferiores, onde os homens já não se acham; caem ou estão suspensos e assustados. Mesmo o Balzac que parece grandioso é totemizado, elíptico, e sua aparência de inacabado provocou rejeição da encomenda. Todo equilíbrio é passageiro.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

